

Indicadores de Validade da Escala Expectativas de Solteiros sobre o Casamento

Adriana Benevides Soares¹ 

Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, Niterói-RJ, Brasil

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro-RJ, Brasil

Almir Diego Brito Cardoso , Amanda Santos Monteiro Machado , Fátima Regina Brito Uhr 

Humberto Claudio Passeri Medeiros , Jaqueline de Carvalho Augusto da Hora Santos 

Thays Ferreira Carreiro , Vinícius Soares Alves Mendes 

Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, Niterói-RJ, Brasil

RESUMO

O casamento continua sendo um marco importante na vida adulta, influenciado por crenças e expectativas individuais. Além das mudanças inerentes à adulez emergente, pesquisas têm apontado modificações ocorridas nas últimas décadas no que diz respeito a atitudes e idealizações dos jovens adultos quando o assunto é casamento: quando se casar, por que se casar e com quem se casar. Este estudo buscou evidências de validade de uma escala que mensura expectativas de jovens cisgêneros e heterossexuais sobre o casamento. Participaram 700 jovens adultos (18-30 anos; $M=23,4$ anos). Foram aplicadas a Escala de Bem-Estar Subjetivo, a Escala Triangular do Amor de Sternberg e a Escala de Expectativas de Jovens sobre o Casamento, cujas correlações significativas, ainda que de magnitudes fracas, indicam relações entre bem-estar, amor e expectativas conjugais. A Análise Fatorial Exploratória revelou quatro fatores: conjugalidade, parentalidade, sexualidade e transgeracionalidade. A escala apresentou índices de confiabilidade excelentes, sugerindo a relevância para pesquisas e aplicações psicológicas na população adulta emergente.

Palavras-chave: casamento; jovens; cisgênero; heterossexuais; conjugalidade; parentalidade.

ABSTRACT – Validity of the Expectations of Singles about Marriage Scale

Marriage remains an important milestone in adulthood, shaped by individual beliefs and expectations. In addition to the inherent changes of emerging adulthood, research has highlighted shifts in recent decades regarding young adults' attitudes and idealizations about marriage, including when to marry, the reasons for marriage, and whom to marry. This study sought validity evidence for a scale measuring the marriage expectations of cisgender and heterosexual young adults. A total of 700 young adults, aged 18 to 30 years ($M=23.4$), participated. The Subjective Well-Being Scale, Sternberg's Triangular Love Scale, and the Young People's Expectations about Marriage Scale were administered. Exploratory Factor Analysis revealed four factors: conjugality, parenting, sexuality, and transgenerationality. The scale demonstrated excellent reliability indices, suggesting its relevance for research and psychological applications in the emerging adult population.

Keywords: marriage; young people; cisgender; heterosexuals; conjugality; parenting.

RESUMEN – Validación de la Escala Expectativas del Soltero sobre el Matrimonio

El matrimonio sigue siendo un hito importante en la vida adulta, influenciado por creencias y expectativas individuales. Además de los cambios inherentes a la adulez emergente, las investigaciones han señalado modificaciones ocurridas en las últimas décadas respecto a las actitudes e idealizaciones de los jóvenes adultos sobre el matrimonio: cuándo casarse, por qué casarse y con quién casarse. Este estudio buscó evidencias de validez de una escala que mide las expectativas de los jóvenes cisgênero y heterossexuales sobre el matrimonio. Participaron 700 jóvenes adultos (18-30 años; $M=23,4$ años). Se aplicaron la Escala de Bienestar Subjetivo, la Escala Triangular del Amor de Sternberg y la Escala de Expectativas de los Jóvenes sobre el Matrimonio, cuyas correlaciones significativas, aunque de magnitudes débiles y muy débiles, indican relaciones entre bienestar, amor y expectativas matrimoniales. El Análisis Factorial Exploratorio reveló cuatro factores: conyugalidad, parentalidad, sexualidad y transgeneracionalidad. La escala presentó índices de fiabilidad excelentes, lo que sugiere su relevancia para la investigación y aplicaciones psicológicas en la población adulta emergente.

Palabras clave: matrimonio; jóvenes; cisgênero; heterossexuales; conyugalidad; parentalidad.

A união de duas pessoas, a parceria e o companheirismo constituem o que se entende como casamento, uma instituição que atravessa, direta ou indiretamente, a organização da sociedade. O casamento é visto como

a forma mais comum de construção de novas famílias (Padilha et al., 2018), sendo um acontecimento cercado por grandes expectativas, podendo gerar frustração quando não atendidas. Expectativas como igualdade entre os

¹ Endereço para correspondência: Rua Marechal Deodoro, 217, bloco B, Térreo, Centro, 24030-060, Niterói, RJ. Tel.: (21) 2138-4983. E-mail: adribenevides@gmail.com

cônjuges, a importância da cumplicidade e a não obrigatoriedade de procriação são consideradas em um relacionamento, sendo, hoje em dia, pouco tolerável a falta de amor entre os parceiros. Tendo em vista as modificações sociais e culturais da pós-modernidade, surgem novas perspectivas do jovem sobre o casamento e, sobretudo, o que se pode esperar dele (Padilha et al., 2018). Nesse contexto, é importante identificar as expectativas específicas que os jovens têm em relação ao casamento.

Ao longo do século XX, os cônjuges sequer tinham suas opiniões e seus desejos considerados. As uniões eram determinadas pelas famílias de origem e tinham forte influência dessas e da religião (Bello & Marra, 2020; Falcke et al., 2014; Scorsolini-Comin et al., 2019). Até os anos 70, a construção familiar era direcionada a um modelo único, o nuclear tradicional, marcada pelo casamento heterossexual indissolúvel e pelos papéis que o homem exercia de provedor, enquanto a mulher era tida como do lar (Zordan et al., 2009). Na transição do século XX para o XXI, a união conjugal foi remodelada e redefinida, englobando configurações com novos papéis econômicos, políticos, sociais e culturais. Embora o modelo heterossexual tradicional tenha perdido força nas últimas décadas, especialmente em segmentos mais urbanos e progressistas, ainda persiste em diversas camadas da sociedade brasileira. Esse processo tem permitido o surgimento de novos modelos de família mais flexíveis, menos pautados na sociedade patriarcal e mais voltados para a emancipação da mulher e o fim da hegemonia masculina (Scorsolini-Comin et al., 2019; Silva & De Tilio, 2022; Wahba & Simão, 2020).

Na sociedade ocidental, a idealização do casamento é caracterizada como uma tarefa da fase adulta que se relaciona ao bem-estar do indivíduo (Macedo, 2017; Zordan et al., 2009). O bem-estar subjetivo é a forma de entender cientificamente a felicidade (sua causa, quem a possui e o que a destrói). Níveis elevados de bem-estar subjetivo estão relacionados não só a experiências emocionais positivas frequentes e a poucas experiências emocionais negativas, mas também à satisfação com a vida de forma global (Albuquerque & Tróccoli, 2004). Assim, a individuação do jovem adulto, a escolha do cônjuge - uma das primeiras expectativas sobre o matrimônio - e a conjugalidade podem ser pautadas nas influências colocadas pelas famílias de origem por meio da transgeracionalidade (Camicia et al., 2016; Carter & McGoldrick, 1995).

Durante muitas décadas, o casamento e a parentalidade demarcavam a entrada na vida adulta e integravam a maturidade (Zordan & Wagner, 2009). Entretanto, mediante as diversas contingências que os jovens adultos têm experimentado, tais como o avanço tecnológico, o advento da pílula anticoncepcional, a possibilidade da relação sexual antes do casamento e o maior tempo dedicado à qualificação profissional para o mercado de trabalho, designou-se uma nova fase no ciclo de vida denominada

adulthood emergente, que é compreendida entre as idades de 18 a 29 anos, quando os indivíduos não são mais adolescentes, mas, em contrapartida ainda não possuem as características antes vistas como normativas à idade adulta (Arnett, 2005, 2006).

Além das mudanças inerentes à adulthood emergente, pesquisas têm apontado modificações ocorridas nas últimas décadas no que diz respeito a atitudes e idealizações dos jovens adultos quando o assunto é casamento: quando se casar, por que se casar e com quem se casar. A importância da autonomia pessoal e da liberdade individual são fundamentais para o planejamento e a estruturação do casamento nos dias atuais (De Coninck et al., 2020), sendo ainda possível o não casar ou não estabelecer compromisso com outrem ou de postergarem essa decisão (Padilha et al., 2018).

Em diversas culturas ocidentais, a faixa etária em que as pessoas se casam aumentou. Nos Estados Unidos, por exemplo, durante os anos 70, a média de idade em relação ao casamento era de 21 anos para as mulheres e 23 anos para os homens. Já em 1996, tornou-se 25 para as mulheres e 27 para os homens (Monteiro et al., 2018). Além do casamento ser desejado mais tarde na sociedade contemporânea, percebe-se que, para muitos jovens, não há sequer a intenção de casar (Blair & Madigan, 2018). No Brasil, a queda do interesse pelo matrimônio foi constatada em uma pesquisa com jovens solteiros de 20 a 31 anos de Porto Alegre e Erechim. Dentre as 21 categorias de projetos vitais, “casar” ocupou a décima nona posição, enquanto as cinco primeiras estavam relacionadas aos aspectos pessoais e profissionais. Entretanto, categorias como “constituir uma família”, “ter bom relacionamento com o(a) companheiro(a)”, “encontrar a felicidade ao lado de alguém” e “encontrar o amor” apareceram, respectivamente, em sétima, oitava, décima e décima sétima posição. Com isso, ainda que os jovens pensem em se casar um dia, o casamento não ocupa mais um lugar central em seus projetos de vida (Zordan & Wagner, 2009). Tal resultado é corroborado por dados estatísticos acerca do número de registros de casamentos no Brasil, que vem diminuindo desde 2016, havendo um percentual de queda de 26,1% de 2019 para 2020 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2020).

Diante das mudanças relacionadas à decisão pelo casamento, é importante investigar as expectativas dos jovens, uma vez que cada geração se depara com um contexto modificado, com interação de antigas e novas concepções, que podem produzir conflitos e demandar adaptações (Jablonski, 2009). Alguns instrumentos foram encontrados na literatura, porém não aferem as expectativas de jovens solteiros sobre o casamento para a realidade brasileira. Sabatelli e Pearce (1986) construíram um instrumento denominado *Expectation Level Index* (ELI) para a amostra norte-americana casada, ou seja, para pessoas que já vivenciavam o relacionamento marital.

O ELI não se destina a mensurar desejos e idealizações sobre o casamento, mas o que se espera ou imagina merecer de forma realista nos relacionamentos conjugais. Outras escalas também avaliam as crenças individuais em relação ao casamento. *The Attitudes Toward Marriage Scale* (ATM) (Gabardi & Rosén, 1991) analisa crenças e dúvidas sobre o casamento. Uma escala homônima mais antiga, *Attitudes Toward Marriage Scale*, (Kinnaird & Gerrard, 1986) avalia atitudes em relação às responsabilidades conjugais, felicidade, liberdade e adaptação ao casamento. Apesar de analisar atitudes gerais positivas e negativas, não avalia as expectativas para o casamento (Braaten & Rosén, 1998). *The Marital Attitude Scale* (MAS) (Braaten & Rosén, 1998) analisa atitudes mais ou menos positivas em relação ao casamento. A MAS é uma escala unidimensional e apresenta como diferencial a possibilidade de analisar atitudes de indivíduos casados, recém-casados ou que nunca se casaram, podendo ser já adultos ou ainda adolescentes. Não avalia atitudes para diferentes aspectos de casamento, além de ter papéis de gênero bem demarcados (Braaten & Rosén, 1998).

Com o objetivo de medir a intenção de casar, as atitudes positivas e as negativas no casamento e as expectativas sobre a relação conjugal, Park e Rosén (2013) construíram três medidas que compõem a versão final da *Marital Scales*. A primeira, *Intent to Marry Scale* (IMS) analisa a intenção de casar; a segunda, *General Attitudes Toward Marriage Scale* (GAMS) analisa atitudes positivas e negativas, medos e dúvidas em relação ao casamento; e a terceira, a *Aspects of Marriage Scales* (AMS) analisa os fatores como romance, respeito, confiança, finanças e intimidade física. Tais escalas desconsideram os papéis tradicionais de gênero e pesquisam sujeitos não casados (Kinnaird & Gerrard, 1986; Gabardi & Rosén, 1991; Braaten & Rosén, 1998). A IMS, a GAMS e a AMS foram delineadas para medir atitudes na relação conjugal, entretanto, tais medidas se referem a realidade norte-americana.

Para a realidade brasileira, uma série de escalas foram construídas e validadas sobre construtos relativos ao casamento, como o Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (Villa & Del Prette, 2012); a Escala de Crenças sobre Amor Romântico (Hendrick & Hendrick, 1986), em sua versão brasileira, adaptada por Andrade e Garcia (2014); a Escala Triangular do Amor de Sternberg – Reduzida (ETAS-R) (Sternberg, 2006), em sua versão brasileira, adaptada por Hernandez (2016); a Escala de Ajustamento Diádico (Spanier, 1976), validada para o Brasil por Hernandez (2008), entre outras. Entretanto, nenhuma delas mede as expectativas de solteiros sobre o casamento nem as variáveis envolvidas nesse contexto, sendo importante a construção de uma escala que mensure tais expectativas e relacione este construto a outros que são repertoriados na literatura como relacionados a este, tais como o amor e o bem-estar subjetivo.

As expectativas sobre o casamento estão fortemente relacionadas às crenças sobre o amor romântico, uma vez que estar em um relacionamento romântico é mais desejado do que um compromisso considerado por muitos como meramente burocrático como o matrimônio (Zordan et al., 2009). Estes autores investigaram os projetos vitais de jovens adultos solteiros e qual a importância do matrimônio nesses planos e constataram que, apesar do casamento não ocupar uma posição principal nos projetos de vida – fato apontado também no estudo de Nelas et al. (2019) – ainda é desejado principalmente por ser uma forma de vivenciar um grande amor. Além disso, o amor foi considerado por Silva et al. (2013) em seu estudo sobre casamento com 500 homens e 1048 mulheres, como preditor da satisfação no relacionamento, o que torna plausível considerar que o amor deve ser uma variável relacionada positivamente com as expectativas sobre o casamento.

O bem-estar subjetivo, por sua vez, é considerado na literatura sobre relacionamento marital, porque o matrimônio é considerado como propiciador de diversos benefícios sociais, emocionais, econômicos, físicos e sexuais, que têm como consequência para o sentimento de maior felicidade e satisfação com a vida (Wadsworth, 2015). Scorsolini-Comin, (2016) reforçam esta ideia em seu estudo correlacional sobre bem-estar subjetivo (afetos positivos, afetos negativos e satisfação com a vida), satisfação conjugal (Satisfação com a Atração Física e Sexualidade e Satisfação em Relação às Afinidades de Interesses e Comportamentos) e Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais com 374 sujeitos, divididos entre casados, solteiros que namoram e solteiros que não namoram. Dentre os achados, o grupo de casados apresentava níveis mais elevados de afetos positivos comparado ao grupo de solteiros que não namoravam. Além disso, ainda no grupo de casados, a Satisfação com a Atração Física e Sexualidade foi o fator mais associado ao Bem-Estar Subjetivo e aos Afetos Positivos. Já a Percepção dos filhos sobre a Conjugalidade dos Pais explicou os Afetos Negativos e a Satisfação com a Vida.

Sendo assim, observa-se que há diversas medidas voltadas para a mensuração de construtos relativos ao casamento, entretanto não foi encontrado na literatura um instrumento que mensure as expectativas de jovens solteiros sobre o casamento para a realidade brasileira. O objetivo do estudo é construir e apresentar indicadores de validade interna e externa de uma escala que mensure as expectativas de jovens adultos sobre o casamento.

Método

Elaboração de Itens e Validação de Construto

Os itens foram elaborados com base nas discussões e na revisão teórica feita pelos autores, elaborando um total de 80 itens. Foi solicitada a análise de cinco juízes, que

avaliaram a clareza de linguagem, a pertinência prática, a relevância e a dimensão teórica a que pertence cada um dos itens restantes. Em cada questão foi disponibilizado um espaço para o juiz avaliar de um a cinco, baseado em um modelo Likert, além de espaço para sugestões sobre a redação do item e comentários. Após a análise dos juízes, foi calculado o Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC=0,96) (Hernández-Nieto, 2002) para verificar o viés de conteúdo, ou seja, se realmente o instrumento mede o que se propõe a medir pela concordância de avaliação dos itens individualmente e da escala como um todo (Pasquali, 2012). Para categorizar adequadamente as dimensões foi realizado o cálculo de valor de concordância entre os juízes; o Kappa de Fleiss que alcançou o valor de 0,67 que é considerado substancial (Landis & Koch, 1977). Desse modo, foram descartados 10 itens que não alcançaram CVC >0,8, obtendo-se um conjunto de 70 questões (Pasquali, 2012).

Participantes

Entre os 700 participantes, 74,42% pertenciam ao sexo feminino ($n=521$) e 81,28% situavam-se entre as classes sociais B1 (15%), B2 (36,57%), C1 (21,14%) e C2 (8,57%) segundo o critério da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2022) com média de idade de 23,4 anos ($DP=3,01$). Todos foram convidados por listas de e-mails e redes sociais, e compuseram a amostra preconizando 10 vezes o número de participantes por itens, segundo o que estabelece Pasquali (2012). Os instrumentos foram acessados por meio de um link individual, em que as respostas se deram de maneira anônima ao estudo.

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico. Composto por dados pessoais e socioeconômicos.

Escala de Expectativas sobre o Casamento. Proposto neste estudo.

Escala Triangular do Amor de Sternberg - Reduzida (ETAS-R) (Hernandez, 2016). Composta por três fatores: decisão/compromisso (5 itens, $\alpha=0,88$), paixão (5 itens, $\alpha=0,87$) e intimidade (5 itens, $\alpha=0,86$).

Escala de Bem-estar Subjetivo (EBES) (Albuquerque & Tróccoli, 2004). Composta por 69 itens e três fatores: Afeto positivo (21 itens, $\alpha=0,95$), Afeto negativo (26 itens, $\alpha=0,95$) e Satisfação-insatisfação com a vida (15 itens, $\alpha=0,90$).

Procedimentos Éticos e de Coleta de Dados

Este estudo foi submetido ao comitê de ética e aprovado mediante o parecer nº 5.888.124. Todos os instrumentos foram aplicados por formulário eletrônico precedidos do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) seguindo o que preconizam as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Análise de Dados

Os dados foram analisados por meio do software JASP 0.14.0 (Jasp Team, 2022) para verificar inicialmente se a amostra comportava a aplicação da análise fatorial. Isto foi feito considerando o índice KMO (Kaiser–Meyer–Olkin) e o teste de esfericidade de Bartlett (Hair et al., 2006). Em seguida foi realizada a Análise Fatorial Exploratória (AFE), utilizando a análise paralela para estimar o número de fatores (Damásio, 2012). O método de estimação utilizado foi o Weighted Least Square (WLS) com rotação Oblimin, na qual espera-se que os fatores sejam correlacionados (Damásio, 2012). Para que os itens permanecessem no instrumento, foi considerada uma carga fatorial maior que 0,40. Ademais, os seguintes índices de ajuste foram utilizados para testar a adequação ao modelo: Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA $\leq 0,08$; com intervalo de confiança de 90%) e Tucker Lewis Index (TLI $\geq 0,90$) (Hu & Bentler, 1999). Os índices de consistência interna empregados para avaliar as medidas de precisão do instrumento foram o Alfa de Cronbach e Ômega de McDonald, sendo aceitáveis valores acima de 0,70 (Ventura-León & Caycho-Rodríguez, 2017). No processo de busca de validade com outras variáveis (validação externa) foram realizadas as avaliações das correlações com a Escala Triangular do Amor – Reduzida (ETAS-R) de Hernandez (2016) e com a Escala de Bem-Estar Subjetivo (EBES) de Albuquerque e Tróccoli (2004). Embora as escalas utilizem formato Likert, optou-se pelo uso da correlação de Pearson, seguindo as recomendações da literatura para esse tipo de análise em dados que apresentam distribuição normal e número adequado de categorias (Pasquali, 2012).

Resultados

Foi realizada a Análise Fatorial Exploratória (AFE) da Escala de Expectativas de Jovens sobre o Casamento com o uso do *software JASP* (V 0.14.0). O procedimento exploratório permitiu identificar a estrutura fatorial da escala. Como parte do processo, 33 itens foram removidos por não apresentarem cargas fatoriais satisfatórias ou por não terem carregados em nenhum fator. Para os 37 itens restantes, o teste do índice de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO=0,96) apontou a adequação da amostra com todos os itens carregando acima de 0,75. O Teste de Esfericidade de Bartlett ($\chi^2(666)=20.3235,203$, para $n=700$; $p<0,001$). O valor do Qui-quadrado por grau de liberdade ($\chi^2=1.912,649$, $gl=524$) foi utilizado para verificar a adequação do modelo, confirmando a robustez dos dados para a análise dos fatores latentes (Hongyu, 2018; Kirch et al., 2017). A Análise Paralela indicou que a estrutura dos dados é melhor representada por quatro fatores latentes como os mais representativos para a estrutura subjacente. (Tabela 1).

Tabela 1
Itens da Escala e suas Cargas Fatoriais nos Fatores

Item	F1	F2	F3	F4	S	C
Ao me casar,						
eu espero que sejamos um casal que se respeite.	0,90				0,23	0,81
eu espero que sejamos parceiros.	0,89				0,19	0,79
eu espero reciprocidade.	0,89				0,20	0,79
eu espero respeito.	0,87				0,29	0,76
eu espero que sejamos um casal que converse sempre.	0,87				0,32	0,76
eu espero que sejamos um casal unido.	0,86				0,27	0,74
eu espero honestidade.	0,84				0,27	0,71
eu espero comprometimento.	0,82				0,32	0,67
eu espero fidelidade.	0,79				0,42	0,62
eu espero dividir planos.	0,79				0,35	0,62
eu espero me sentir bem.	0,77				0,39	0,59
eu espero partilhar responsabilidades da vida adulta.	0,77				0,43	0,59
eu espero que sejamos pacientes um com o outro.	0,75				0,37	0,56
eu espero me sentir querido(a).	0,74				0,31	0,55
eu espero me sentir amado(a).	0,74				0,34	0,55
eu espero que sejamos carinhosos.	0,73				0,41	0,53
eu espero fazer meu cônjuge feliz.	0,67				0,40	0,45
eu espero ser feliz.	0,64				0,44	0,41
eu espero tornar-me mãe/pai.		0,87			0,26	0,76
eu espero me tornar mais realizado(a) com a chegada de um filho.		0,81			0,29	0,66
eu espero ser uma boa mãe/um bom pai.		0,78			0,36	0,61
eu espero maior união conjugal com a chegada de um filho.		0,76			0,39	0,58
eu espero saber educar meu(s) filho(s).		0,76			0,36	0,58
eu espero ser capaz de assumir as responsabilidades dos cuidados de um filho.		0,75			0,40	0,56
eu espero ter certeza sobre meu desejo de ser mãe/pai.		0,66			0,50	0,44
eu espero que a chegada de um filho torne meu casamento completo.		0,65			0,41	0,42
eu espero ter uma família grande.		0,61			0,54	0,37
eu espero realizar as fantasias sexuais do meu cônjuge.			0,75		0,50	0,56
eu espero fazer sexo com frequência.			0,72		0,45	0,52
eu espero realizar meus fetiches.			0,70		0,58	0,49
eu espero ter uma vida sexual ativa.			0,70		0,34	0,49
eu espero ter satisfação sexual.			0,59		0,35	0,35
eu espero satisfazer sexualmente meu cônjuge.			0,55		0,46	0,30
eu espero transmitir valores políticos/ideológicos da minha família de origem.				0,61	0,62	0,37
eu espero ter uma relação com a mesma configuração que a dos meus pais.				0,61	0,61	0,37
eu espero repetir os comportamentos dos meus familiares.				0,60	0,64	0,36
eu espero transmitir as crenças religiosas da minha família de origem.				0,49	0,63	0,24

Nota. S (singularidade); C (comunalidade). Fonte. elaborado pelos autores

As comunalidades representam a parte da variância de uma variável que é explicada pelos fatores extraídos, enquanto para as especificidades a variância não é explicada pelos fatores, como no caso do fator 4 (F4), o que sugere que neste caso as variáveis não estão sendo concretamente capturadas pelo fator. A decisão de manter o fator 4 (F4) foi fundamentada em sua relevância teórica dentro do modelo de expectativas sobre o casamento. Apesar de a especificidade das variáveis associadas a esse fator ser maior do que suas comunalidades, o que indica

que ele explica uma proporção menor da variância dessas variáveis do que o esperado, entende-se que sua inclusão é essencial para representar aspectos teóricos fundamentais da estrutura subjacente.

Os itens agrupados nesse fator estão conceitualmente alinhados a uma dimensão importante do modelo, refletindo expectativas relacionadas à transmissão de valores intergeracionais no contexto do casamento. Essa dimensão tem suporte na literatura, sendo reconhecida como um elemento central na formação das expectativas

conjugais e na influência da família de origem sobre os relacionamentos futuros.

Além disso, a interpretação dos resultados deve levar em conta que, em alguns casos, fatores teoricamente relevantes podem apresentar comunalidades mais baixas, especialmente quando representam construções mais específicas ou menos homogêneas em comparação com os demais fatores do modelo. Optou-se, portanto, por manter F4, considerando que sua retirada comprometeria a abrangência teórica da escala. No entanto, a análise confirma a necessidade de investigações futuras para aprimorar a mensuração desse fator, seja por meio da revisão e refinamento dos itens ou pela exploração de técnicas estatísticas adicionais, como fatoriais confirmatórias.

As correlações encontradas entre os totais das escalas de Bem-estar Subjetivo (BES), Triangular do Amor (ETAS-R) e Expectativas de Jovens Sobre o Casamento (ESC) indicam associações positivas, porém fracas ou muito fracas, entre os escores totais das três escalas. Esses resultados sugerem evidências de validade convergente, uma vez que há correlações estatisticamente significativas entre os construtos. No entanto, como essas associações são de baixa magnitude, cada escala ainda captura predominantemente aspectos específicos de sua respectiva construção (bem-estar subjetivo, amor e expectativas sobre o casamento), sem indicar uma sobreposição substancial que comprometa sua distinção conceitual.

Como exemplo, a correlação positiva fraca entre as expectativas sobre o casamento (ESC) e os fatores da Escala Triangular do Amor (ETAS-R) ($0,36; p < 0,001$) sugere que parte das expectativas sobre o casamento está relacionada com crenças de paixão, intimidade e decisão de compromisso. Da mesma forma, a correlação positiva fraca entre as expectativas sobre o casamento (ESC) e o bem-estar subjetivo (BES) ($0,09; p < 0,05$) indica que parte das expectativas sobre o casamento está associada à percepção de afetos positivos e satisfação com a vida. Essas associações, sendo fracas, reforçam a ideia de que os construtos medidos por cada escala são distintos o suficiente para serem discriminantes para cada escala.

Expectativas positivas sobre o casamento são criadas a partir de crenças positivas de paixão, intimidade e decisão de compromisso, que são fatores da Escala Triangular do Amor ($0,36; p < 0,001$) e de percepção de afetos positivos e satisfação com a vida, que são fatores de Bem-estar subjetivo ($0,09; p < 0,05$). A variância comum explicada alcançou os seguintes valores por fator: F1 ($0,40$); F2 ($0,13$); F3 ($0,04$); e F4 ($0,03$). Os índices de confiabilidade da escala apresentaram valores considerados excelentes com alfa (α) de Cronbach e ômega (ω) de McDonald carregando respectivamente no Fator 1 ($\alpha=0,79; \omega=0,98$), no Fator 2 ($\alpha=0,81; \omega=0,99$), no Fator 3 ($\alpha=0,83; \omega=0,98$), no Fator 4 ($\alpha=0,85; \omega=0,98$) e no total da escala ($\alpha=0,94; \omega=0,91$).

Discussão

A proposta do presente estudo de construir e apresentar evidências de validade de conteúdo, de estrutura interna e de relação com outras variáveis externas que mesure as expectativas de jovens adultos sobre o casamento, verificando se há relação entre a escala de expectativas sobre o casamento e as de bem-estar subjetivo, pode levar a reflexão sobre como o jovem de hoje tem se comportado em suas relações pessoais frente a possibilidade ou não do casamento. Essa fase, também denominada de adultez emergente, tem sido identificada como o momento da vida no qual jovens saindo da adolescência, passam a adiar papéis adultos como o casamento, a independência financeira dos pais e a constituição de uma família (Pereira et al., 2018).

A adultez emergente pode, portanto, ser identificada por um período de maior busca de identidade social e profissional. Por ser essa uma fase caracterizada pelo surgimento de diversas demandas sociais, o casamento é uma das etapas que os jovens vivenciam (Pereira et al., 2018), tendo sido apontados quatro fatores relevantes para essa medida que compõem o instrumento: conjugalidade, parentalidade, sexualidade e transgeracionalidade.

Conjugalidade talvez seja uma das expectativas mais importantes relacionadas ao casamento contemporâneo, caracterizada pela maior valorização de trocas afetivas, busca pela felicidade (Bem-estar subjetivo) ao lado de uma companhia que tenha intensidade nos sentimentos (Zordan et al., 2009). Alves-Silva et al. (2016) explicam que o casal é formado concomitantemente por duas individualidades e uma conjugalidade, significando que duas pessoas diferentes vivem uma mesma história conjugal, baseada numa relação afetiva. De acordo com esses autores, apesar do casamento ser marcado na contemporaneidade pela busca do espaço individual e pela conquista da autonomia, a formação do casal precisa construir um espaço de interação, permitindo o desenvolvimento dos cônjuges e a realização de projetos em comum.

As expectativas dos jovens na busca pela parceria, pelo companheirismo, pela conjugalidade na relação foram encontradas no resultado, corroborando aquilo que Padilha et al. (2018) compreenderam quando afirmaram que as pessoas veem o casamento como algo para sempre, estando cientes das responsabilidades e sentimentos que o compromisso envolve. Percebe-se que a aparente falta de importância que tem sido defendida no discurso dos jovens sobre as relações amorosas, procurando deixar de lado a padronização do casamento pautado num modelo único (Scorsolini-Comin et al., 2019) voltado para emancipação da mulher sem o domínio masculino (Silva & De Tilio, 2022; Wahba & Simão, 2020); na verdade é o oposto, uma vez que há o desejo de um relacionamento com parceria duradoura. É importante considerar o potencial viés da amostra utilizada neste estudo, dado que 74,42% dos participantes são do sexo feminino, com uma

média de idade de 23,4 anos. Essa distribuição pode limitar a generalização dos resultados para outras populações mais diversificadas em termos de gênero e faixa etária. Para além de tantas mudanças no cenário social, os jovens ainda buscam relações mais estáveis. O estudo de Blair e Madigan (2018) contribuiu com esse pensamento na medida em que, mesmo que os jovens deixem o casamento para mais tarde na vida, ainda são influenciados pelas normas culturais tradicionais e os traços individuais são igualmente importantes numa tomada de decisão.

O segundo fator identificado nos resultados mostra as expectativas dos jovens sobre a parentalidade. Aspectos ligados à geração de filhos são fatores importantes que emergiram dos dados no que diz respeito à ideia de ser mãe/pai, sentir-se realizado, capaz de saber educar. Parentalidade é um termo relativamente recente, inicialmente utilizado na literatura psicanalítica francesa a partir dos anos 60, buscando definir os processos psíquicos, as mudanças subjetivas produzidas nos pais a partir do desejo de ter um filho e a construção da relação dos pais com os filhos (Zornig, 2010). Pode-se inferir que, talvez, os filhos tragam a concepção de ser uma forma de constituição de uma família. O desejo de ter um filho é uma decisão influenciada por uma multiplicidade de fatores, algumas vezes, difíceis de identificar devido à sua complexidade e interligações (Nelas et al., 2019). No tempo presente, é possível que os indivíduos possuam um maior controle, decidindo se querem ter filhos, quantos e quando.

O terceiro fator envolve a expectativa do jovem com relação a sexualidade. Relações sexuais satisfatórias podem ser a principal expectativa para alguns indivíduos, mas para outros, têm menor importância. Não poderia, portanto, ser considerado como motivação para o casamento (Zordan et al., 2009), até porque os jovens possuem maior liberdade nessa área do que em décadas anteriores, quando o casamento era condição para as relações sexuais (Macedo, 2017). Apesar disso, a sexualidade moderna foi definida como o resultado das relações de poder que normatizam e controlam os indivíduos em relação às suas emoções, seus desejos e comportamentos (Foucault, 2020). Embora, nos últimos anos, as mudanças sociais tenham vindo questionando a predominância que normatizava o conceito de casamento indissolúvel e estável regrado na virgindade antes do casamento, especialmente para as mulheres.

Esse conceito já não é o único caminho escolhido pelo jovem para a formação de parcerias amorosas. Silva e De Tilio (2022) argumentam que vários fatores vêm pressionando as mudanças ocorridas nas concepções dos jovens a respeito do casamento, tais como: as conquistas do feminismo e, conseqüentemente, a autonomia sexual e afetiva; o aumento do número de mulheres no mercado de trabalho; a maior inserção dos homens nas tarefas domésticas; uma procura pela individualização nas relações conjugais e as alterações nos formatos e

dinâmicas familiares. Wahba e Simão (2020) argumentam ainda que, cada vez mais as relações sexuais casuais ou relações sexuais sem compromisso têm se tornado comuns, porém, nem sempre são fortes o suficiente para quebrar os tradicionalismos de sexos, gêneros e orientações sexuais.

A transgeracionalidade aparece como quarto fator e consiste nos processos subjetivos, carregados de significados e valores, sendo transmitidos de uma geração a outra e mantendo-se presentes na história familiar. Dessa forma, tem relação com padrões que se repetem, ainda que as pessoas envolvidas não os percebam (Camicia et al., 2016; Falcke et al., 2014). Os jovens são atingidos por essa história familiar transmitida pelas gerações anteriores por meio das memórias, tradições sociais, eventos e rituais dos pais ou dos avós, estabelecendo relações e padrões de comunicação do passado. A nova família formada tende a repetir os padrões familiares das gerações anteriores (Bello & Marra, 2020; Falcke et al., 2014). A identidade cultural da família pode ser desenvolvida por costumes e normas, sendo transmitida ao longo das gerações.

Dessa forma, os relacionamentos anteriores, carregados de experiências positivas e negativas, podem se transpor para a nova família formada, carregando uma bagagem emocional e possivelmente estabelecendo obstáculos à intimidade. De igual modo, expectativas ou exigências dos novos relacionamentos podem remediar mágoas vividas no passado (Camicia et al., 2016; Carter & McGoldrick, 1995). Destaca-se que, ainda que o indivíduo busque se comportar de forma oposta ao estipulado pela família, pode sofrer as consequências pelo fato de não se enquadrar no que foi estabelecido anteriormente (Camicia et al., 2016).

Há estudos afirmando que a instituição casamento até o presente é algo dado como certo, mesmo que a pessoa não se sinta pronta ou que ainda esteja em processo de descobrir quem são e o que querem de suas vidas (Barros et al., 2019; Hernandez et al., 2017; Macedo, 2017). Ao mesmo tempo, De Coninck et al. (2020) apontam jovens com atitudes mais positivas em relação ao divórcio e atitudes mais negativas em relação ao casamento do que havia há 20 anos.

Apesar das correlações fracas ambas as escalas que compuseram a busca por evidências de validação externa, ainda que significativas, verificou-se que há elementos em comum. Os participantes com maiores níveis de bem-estar subjetivo relataram melhores expectativas com o casamento. Admitindo-se que o bem-estar subjetivo é a maneira de compreender de forma científica a felicidade (Albuquerque & Tróccoli, 2004), possuir maiores anseios com o casamento acaba sendo um reflexo disso.

Portanto, desenvolver uma escala que contribua para mensurar as expectativas de jovens solteiros sobre o casamento, levando em conta a realidade brasileira, é de grande relevância para o momento. Os resultados mostraram valor empírico, uma vez que os indicadores de

validade externa apontaram que há relação entre as escalas ESC, BES e ETA. Ainda que as correlações positivas fracas entre o total das escalas apontem para uma validade discriminante entre os construtos, verificou-se que há elementos em comum. Tal constatação implica algum compartilhamento de conceitos subjacentes, sugerindo que são construtos com especificidades próprias.

Considerações Finais

Apesar de haver diversos estudos voltados para a mensuração de construtos relativos ao casamento, na revisão de literatura não foram encontrados instrumentos que verificam as expectativas de jovens solteiros sobre o tema para a realidade brasileira. Assim, o objetivo desta pesquisa foi construir e apresentar indicadores de validade de uma escala que visa mensurar as expectativas dos jovens cisgênero e heterossexuais sobre o casamento e o bem-estar subjetivo.

Os dados obtidos atestam a confiabilidade interna e externa do instrumento proposto e revelam que o casamento se mantém como objeto de interesse. No contexto das transformações sociais vividas atualmente, cabe destacar que as expectativas dos jovens cisgênero e heterossexuais sobre o casamento giram em torno de quatro fatores: conjugalidade, parentalidade, sexualidade e transgeracionalidade. Os dois primeiros são mais representativos, expressando o privilégio atual dado à construção da parceria conjugal e à experiência da paternidade. O exercício da sexualidade e especialmente a transmissão de significados e valores familiares manifestam-se de forma mais tímida.

Como último ponto, faz-se necessário observar algumas limitações da pesquisa. Na amostra foi representado por um grupo maior de mulheres, bem como de pessoas das classes B e C segundo o critério ABEP (2022) e de residentes do estado do Rio de Janeiro, o que pode ter levado a especificidades sociais e culturais, resultando em um perfil próprio sobre o que se pode esperar do casamento. Assim, indica-se a realização de pesquisas futuras que sejam de abrangência regional ou nacional e tenham uma amostragem estratificada proporcional no que concerne ao gênero e à renda. Além desse ponto, no fator 4 (F4), observou-se que a especificidade das variáveis foi maior do que a comunalidade, o que sugere que essas variáveis não estão sendo bem representadas pelo fator. Isso pode ocorrer quando as variáveis não estão relacionadas com os fatores extraídos, ou quando o fator em questão não está capturando as relações subjacentes.

É importante ressaltar que, na análise fatorial, espera-se que as variáveis tenham comunalidades superiores a 0,5 para que possam ser bem explicadas pelos fatores. Quando a especificidade supera a comunalidade, isso indica que essas variáveis possuem uma proporção significativa de variância que não está sendo explicada pelos fatores extraídos. No caso de F4, isso sugere que uma estrutura fatorial pode precisar ser revisada para melhor ajustar essas variáveis ou, alternativamente, considerar a retenção de um número diferente de fatores. Uma possível análise “semiconfirmatória” em uma nova amostra poderia contribuir para a observância desse comportamento, tendendo à sua manutenção ou extração.

Agradecimentos

Não há menções.

Financiamento

A presente pesquisa não recebeu nenhuma fonte de financiamento sendo custeada com recursos dos próprios autores.

Contribuições dos autores

O(s) autor(es) Adriana Benevides Soares participou da redação inicial e final do estudo – conceitualização, investigação, visualização, os autores Humberto Claudio Passeri Medeiros participou da análise dos dados, e o(s) autor(es) Almir Diego Brito Cardoso, Amanda Santos Monteiro Machado, Fátima Regina Brito Uhr, Humberto Claudio Passeri Medeiros, Jaqueline de Carvalho Augusto da Hora Santos, Thays Ferreira Carreiro e Vinícius Soares Alves Mendes participaram da coleta de dados, discussão dos resultados e da redação final do trabalho – revisão e edição. Todos os autores declaram que estão de acordo com o conteúdo do manuscrito submetido à revista Avaliação Psicológica.

Disponibilidade de dados e materiais

Todos os dados e sintaxes gerados e analisados durante esta pesquisa serão tratados com total sigilo devido às exigências do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Porém, o conjunto de dados e sintaxes que apoiam as conclusões deste artigo estão disponíveis mediante razoável solicitação ao autor principal do estudo.

Conflitos de interesses

Os autores declaram que não há conflitos de interesses.

Referências

- Albuquerque, A. S., & Tróccoli, B. T. (2004). Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 20*(2), 153-164. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000200008>
- Alves-Silva, J. D., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. dos. (2016). Conjugalidade e casamentos de longa duração na literatura científica. *Contextos Clínicos, 9*(1), 32-50. <https://doi.org/10.4013/ctc.2016.91.03>

- Andrade, A. L. de, & Garcia, A. (2014). Escala de crenças sobre o amor romântico: Indicadores de validade e precisão. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 30(1), 63-71. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000100008>
- Andrade, A. L., Garcia, A., & Cassepp-Borges, V. (2013). Evidências de validade da Escala Triangular do Amor de Sternberg - Reduzida (ETAS-R). *Psicologia USF*, 18(3), 501-510. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712013000300016>
- Arnett, J. J. (2005). The developmental context of substance abuse in emerging adulthood. *Journal of Drug Issues*, 35(2), 235-254. <https://doi.org/10.1177/002204260503500202>
- Arnett, J. J. (2006). Emerging adulthood: Understanding the new way of coming of age. In J. J. Arnett & J. L. Tanner (Eds.), *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century* (pp. 3-19). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/11381-001>
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. (2022). Critério Brasil – ABEP. In *Critério Brasil 201 E Atualização Da Distribuição De Classes Para 2016* (p. 4). <https://www.abep.org/criterio-brasil>
- Barros, R. de S. N., Soares, A. B., & Hernandez, J. A. E. (2019). Social skills, empathy, love, and satisfaction in the family life cycle. *Estudos de Psicologia*, 36, 1-11. <https://doi.org/10.1590/1982-0275201936e180032>
- Bello, L. D., & Marra, M. M. (2020). O fenômeno da transgeracionalidade no ciclo de vida familiar: Casal com filhos pequenos. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 28(2), 118-130. <https://doi.org/10.15329/2318-0498.20168>
- Blair, S. L., & Madigan, T. J. (2018). Preferências de casamento e paternidade entre estudantes universitários na China. *The Journal of Chinese Sociology*, 5. <https://doi.org/10.1186/s40711-018-0087-4>
- Braaten, E. B., & Rosén, L. (1998). Development and validation of the Marital Attitude Scale. *Journal of Divorce & Remarriage*, 29, 83-91. https://doi.org/10.1300/J087v29n03_05
- Camícia, E. G., Stefany B. da S., & Schmidt, B. (2016). Abordagem da transgeracionalidade na terapia sistêmica individual: Um estudo de caso clínico. *Pensando Famílias*, 20(1), 68-82. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2016000100006&lng=pt&tlng=pt
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*. Artes Médicas. <https://statics-americanas.b2w.io/sherlock/books/firstChapter/162268.pdf>
- Damásio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica*, 11(2), 213-228. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712012000200007&lng=pt&tlng=pt
- De Coninck, D., Van Doren, S., & Matthijs, K. (2020). Attitudes of young adults toward marriage and divorce, 2002–2018. *Journal of Divorce & Remarriage*. <https://doi.org/10.1080/10502556.2020.1833292>
- Falcke D., Wagner A., & Mosmann, C. (2014). Passando a história a limpo: O impacto das experiências da família de origem na conjugalidade. In A. Wagner (Coord.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (1ª ed., pp 67-80). EDIPUCRS
- Foucault, M. (2020). *A história da sexualidade I: A vontade de saber*. Editora Paz e Terra. https://trechos.org/wp-content/uploads/2020/04/Historia-da-sexualidade-www.trechos.org_.pdf
- Gabardi, L., & Rosén, L. A. (1991). Differences between college students from divorced and intact families. *Journal of Divorce & Remarriage*, 15, 175-192. https://doi.org/10.1300/J087v15n03_10
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2006). *Multivariate data analysis*, Pearson University Pres, 8 ed.
- Hendrick, C., & Hendrick, S. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(2), 392-402. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.50.2.392>
- Hernández-Nieto, R. A. (2002). *Contributions to Statistical Analysis*. Méridas
- Hernández, J. A. E. (2008). Avaliação estrutural da escala de ajustamento diádico. *Psicologia em Estudo*, 13, 593-601. <https://www.scielo.br/j/pe/a/CdkWqmHtXFqTbXMsJ3t6n5n/?format=pdf&lang=pt>
- Hernandez, J. A. E. (2016). Análise fatorial exploratória e hierárquica da Escala Triangular do Amor. *Avaliação Psicológica*, 15(1), 11-20. <https://doi.org/10.15689/ap.2016.1501.02>
- Hernandez, J. A. E., Ribeiro, C. M., Carvalho, A. L. N., Fonseca, R. C. T., Peçanha, R. F., & Falcone, E. M. de O. (2017). Revisão da estrutura fatorial da escala de satisfação conjugal. *Temas em Psicologia*, 25(4), 1977-1990. <https://doi.org/10.9788/TP2017.4-22Pt>
- Hongyu, K. (2018). Análise fatorial exploratória: Resumo teórico, aplicação e interpretação. *E&S Engineering and Science*, 7(4), 88-103. <https://doi.org/10.18607/es201877599>
- Hu, L.-t., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling*, 6(1), 1-55. <https://doi.org/10.1080/10705519909540118>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2020). *Estatísticas do Registro Civil 2020*. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2020_v47_informativo.pdf
- JASP Team (2022). *JASP* (Versão 0.16.4) [Computer Software].
- Jablonski, B. (2009). Atitudes e expectativas de jovens solteiros frente à família e ao casamento. In T. Féres-Carneiro (org.), *Casal e família: Permanências e rupturas*, (pp. 15-34). Casa do Psicólogo.
- Kinnaird, K. L., & Gerrard, M. (1986). Comportamento sexual antes do casamento e atitudes em relação ao casamento e divórcio entre mulheres jovens em função do estado civil de suas mães. *Journal of Marriage and the Family*, 48(4), 757-765. <https://doi.org/10.2307/352568>
- Kirch, J. L., Hongyu, K., Silva, F. de L., & Dias, C. T. dos S. (2017). Factorial analysis for the evaluation of satisfaction questionnaires of the statistics course of a federal institution. *E&S-Engineering and Science*, 6, 1. <https://doi.org/10.18607/ES20176066>
- Landis, J. R., & Koch, G. G. (1977). An application of hierarchical kappa-type statistics in the assessment of majority agreement among multiple observers. *Biometrics*, 33(2), 363-374. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/884196/>
- Macedo, A. A. (2017). Escolhendo escolher: motivos e expectativas com relação ao casamento. *Temas em Educação e Saúde*, 13(2), 209-223. <https://doi.org/10.26673/rtes.v13.n2.jul-dez.2017.10159>
- Monteiro, S., Tavares, J., & Pereira, A. (2018). Adulthood emergent: Na fronteira entre a adolescência e a adultez. *Revista @mbienteeducação*, 2(1), 129-137. <https://doi.org/10.26843/v2.n1.2009.545.p129-137>
- Nelas, P., Duarte, J., Coutinho, E., Chaves, C., & Cruz, C. (2019). Desejo de ter um filho em jovens adultos: Impacto do contexto sociodemográfico e autoestima. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 4(1), 349-356. <https://www.redalyc.org/journal/3498/349861666034/html/>
- Padilha, C., Zapparoli, D., Damo, D. D., & Pereira, T. L. (2018). Representações sociais sobre casamento em uma cidade do Oeste Catarinense. *Revista Interdisciplinar Saberes*, 2(1), 1-19. <https://www.famaqui.edu.br/app/webroot/ojs/index.php/saberes/article/view/67>

- Pasquali, L. (2012). *Análise fatorial para pesquisadores. Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida (LabPAM)* – Instituto de Psicologia.
- Park, S. S., & Rosén, L. A. (2013). As escalas conjugais: Medição da intenção, atitudes e aspectos relativos aos relacionamentos conjugais. *Journal of Divorce & Remarriage*, 54(4), 295-312. <https://doi.org/10.1080/10502556.2013.780491>
- Pereira, A. S., Shitsuka, D. M., Pereira, F. J., & Shitsuka, R. (2018). *Metodologia do trabalho científico*. <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/15824?show=full>
- Sabatelli, R. M., & Pearce, J. (1986). Explorando as expectativas conjugais. *Journal of Social and Personal Relationships*, 3(3), 307-321. <https://doi.org/10.1177/0265407586033004>
- Scorsolini-Comin, F., Alves-Silva, J. D., & Santos, M. A. D. (2019). Permanências e descontinuidades nas concepções contemporâneas de casamento na perspectiva de casais longevos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34, 1-10. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e34423>
- Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., Barroso, S. M., & Santos, M. A. dos. (2016). Fatores associados ao Bem-Estar Subjetivo em pessoas casadas e solteiras. *Estudos De Psicologia (Campinas)*, 33(2), 313-324. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000200013>
- Silva, J. H. C. A., & De Tilio, R. (2022). Análise do discurso sobre sexualidade de jovens em relacionamentos estáveis e não-estáveis. *Psicologia Argumento*, 40(108). <https://doi.org/10.7213/psicolargum40.108.ao09>
- Silva, P. de O. M., Andrade, A. L. de, & Cassepp-Borges, V. (2013). Interconexões entre amor, satisfação e qualidade nas relações românticas. In A. Garcia, J. E. Wilson, & F. N. Pereira (Orgs.), *Relacionamento interpessoal: Temas contemporâneos*. (pp.7-20). https://www.researchgate.net/publication/283273382_Interconexoes_entre_amor_satisfacao_e_qualidade_nas_relacoes_romanticas
- Silva, R. P. A., de Macêdo, L. C. B., & da Silva, I. L. R. (2013). Avaliação das características psicométricas dos questionários utilizados nos periódicos da área contábil: Um estudo longitudinal compreendido no período 2003-2012. *Anais Do Congresso Brasileiro de Custos – ABC*. <https://anaiscbc.emnuvens.com.br/anais/article/view/124>
- Spanier, G. B. (1976). Measuring dyadic adjustment: New scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 38(1), 15-28. <https://doi.org/10.2307/350547>
- Sternberg, R. J. (2006). A duplex theory of love. In R. J. Sternberg & K. Weis (Eds.), *The new Psychology of Love*. 184-199. <https://psycnet.apa.org/record/2006-12371-008> <https://psycnet.apa.org/record/2006-12371-008>
- Villa, M. B., & Del Prette, Z. A. P. (2012). *Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC-Villa&Del-Prette): Manual de aplicação, apuração e interpretação*. Casa do Psicólogo.
- Ventura-León, J. L., & Caycho-Rodríguez, T. (2017). El coeficiente Omega: Un método alternativo para la estimación de la confiabilidad. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, (15), 1, 625-627. <https://www.redalyc.org/journal/773/77349627039/html/>
- Wadsworth, M. E., (2015). Desenvolvimento de enfrentamento desadaptativo: Uma adaptação funcional ao estresse crônico e incontrolável. *Child Development Perspectives*, 9(2), 96-100. <https://doi.org/10.1111/cdep.12112>
- Wahba, L. L., & Simão, J. B. (2020). Sexo casual: Motivações, atitudes e comportamentos de homens e mulheres heterossexuais adultos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, 1-15. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003213871>
- Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner, A. (2009). Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista*, 15(2), 56-76. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000200005&lng=pt&tlng=pt
- Zordan, E. P., & Wagner, A. (2009). Projetos vitais de jovens adultos solteiros: Uma reflexão sobre o lugar do casamento. *Contextos Clínicos*, 2(2), 91-96. <https://doi.org/10.4013/ctc.2009.22.03>
- Zornig, S. M. A. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: O processo de construção da parentalidade. *Tempo Psicanalítico*, 42(2), 453-470. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&tlng=p

recebido em fevereiro de 2023
aprovado em maio de 2025

Sobre os autores

Adriana Benevides Soares é psicóloga (UFRJ), doutora em Psicologia pela Universidade de Paris XI (Orsay). Professora Titular do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) e da Universidade do Estado Rio de Janeiro (UERJ).

Almir Diego Brito Cardoso é psicólogo, mestre e doutor em Psicologia pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Atualmente, é psicólogo clínico em consultório particular e no Seminário São José de Niterói.

Amanda Santos Monteiro Machado é psicóloga (FAMATH) e mestre em Psicologia pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO).

Fátima Regina Brito Uhr é psicóloga (UGF), doutora em Psicologia pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Atualmente, é Professora da pós-graduação em Psicopedagogia e graduação em Psicologia da UNESA, professora da rede FAETEC e psicóloga clínica.

Humberto Claudio Passeri Medeiros é doutor em Psicologia pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Professor da Fundação de Apoio à Escola Técnica – FAETEC RJ.

Jaqueline de Carvalho Augusto da Hora Santos é psicóloga pela Universidade Castelo Branco (UCL), doutoranda em Psicologia Social pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Atualmente trabalha como psicóloga clínica e social e como professora da graduação em Psicologia na Universidade Augusto Motta e Universidade Veiga de Almeida.

Thays Ferreira Carreiro é psicóloga (UVA), mestre em Psicologia pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Atualmente trabalha como psicóloga clínica.

Vinicius Soares Alves Mendes é psicólogo (FAMATH), doutorando em Psicologia (UERJ), mestre em Psicologia (UNIVERSO) e especialista em Sexualidade Humana (Celso Lisboa). Atualmente trabalha como psicólogo clínico.

Como citar este artigo

Soares, A. B., Cardoso, A. D. B., Machado, A. S. M., Uhr, F. R. B., Medeiros, H. C. P., Santos, J. C. A. H., Carreiro, T. F., & Mendes, V. S. A. (2026). Indicadores de Validade da Escala Expectativas de Solteiros sobre o Casamento. *Avaliação Psicológica*, 25, e24686, 1-10. <http://doi.org/10.15689/ap.2026.25.e24686>.